

## RITOS E CRENÇAS RELIGIOSOS NAS GUERRAS ANTIGAS DOS HEBREUS

Prof. Me. Luciene de Lima Oliveira (UFRJ)

### RESUMO:

Tendo por base alguns relatos apresentados no *Antigo Testamento* da Bíblia Cristã, será abordado, neste artigo, a respeito das práticas religiosas que antecederiam as pugnas antigas dos hebreus. Percebe-se que o esforço humano e a vitória, em uma peleja, dependiam da Divindade, todavia, eram necessários alguns rituais essenciais como, por exemplo, os sacrifícios de animais, a purificação pessoal, o jejum, o louvor, o clamor e a obediência a Deus, para se alcançar a tão desejada vitória sobre os inimigos em uma batalha.

**Palavras-Chave:** Guerra; Ritos; Crenças; Hebreus

*Nos seus lábios, estejam os altos louvores de Deus, nas suas mãos, espada de dois gumes.*  
(Sl 149. 6)

Denominam-se ritos a dadas práticas de tradições religiosas que formam, assim, um conjunto de rituais que são realizados em relação aos aspectos importantes da vida do indivíduo dentro de grupo religioso. Pode-se citar, por exemplo, o nascimento, o casamento, as sementeiras, as colheitas, o começo de uma campanha militar ou/e a iminência da mesma ou uma vitória desejada que foram alcançadas. Então, o ritual é a prática, o lado ativo, isto é, o cerimonial de um grupo religioso cujos adeptos devem observar e executar.

Assim é que *depreende-se, da leitura do Velho Testamento, certas práticas religiosas e crenças* que poderiam anteceder as batalhas dos hebreus. Apesar das guerras terem sido muito comuns na vida desse povo, todavia, havia alguns princípios que norteavam a guerra como a pugna feita injustamente contra a vontade de Yavé (Dt 2. 1-19).

O vocábulo “guerra” vem do original hebraico *milhãmãh*, sendo empregado 315 vezes na Bíblia Hebraica. Dentre uns de seus significados, *millãmãh* denota “a confrontação, as pugnas travadas entre dois ou mais exércitos inimigos”.

A guerra, no *Antigo Testamento*, era utilizada pela Deidade como se infere de: “Pelo que se diz no livro das Guerras do Senhor: Vaebe em Sufá, e os vales de Arnom” (Nm 21.14). É bom lembrar que se tem, aqui, uma referência a um certo livro, possivelmente, uma coleção de cânticos de vitória mais antigas de Yavé e as derrotas de seus inimigos. Talvez, esses cânticos fossem de uso corrente em Israel, mas que se perdeu com o decorrer do tempo. A Bíblia faz referência também a um “Livro do Justo” (Js 10. 12-13; 2 Sm 1. 19-27) que, provavelmente, era uma coletânea de cânticos épicos, e o “justo” poderia ser alguns heróis guerreiros que pelejaram nas “batalhas de Yavé”.

Convém sublinhar que a vitória do “povo escolhido” não dependia do número de guerreiros ou de carros. Na época da conquista da “Terra Prometida” (em torno de 1350-1340 a.C.), é bem verdade que os exércitos de Israel não eram formados por um grupo de guerreiros profissionais como na época do rei de Judá, Uzias (783-742 a.C.), que possuía, além de potentes equipamentos bélicos ofensivos e defensivos (2 Cr 26. 14-15), “um exército guerreiro de 307.500 homens que faziam a guerra com força belicosa para ajudar o rei contra os inimigos (2 Cr 26. 13; Pv 21. 31 e Dt 33. 29).

Os opositores dos hebreus eram, na verdade, inimigos também de Yavé (Êx 23. 22-23; Lv 26. 7-8). Como destaca Challaye, “os guerreiros israelitas não são mais que seus auxiliares” (CHALLAYE, 1940: 152). Pode-se exemplificar com o livro de *Josué*, quando os filhos de Israel venceram os amorreus em Gibeom, onde a narrativa diz que “o Senhor fez cair do céu, sobre eles, grandes pedras até Azeca, e morreram. Mais foram os que morreram pela chuva de pedra do que os mortos à espada pelos filhos de Israel” (Js 10. 11).

Davi, ao ouvir as injúrias e os insultos do gigante Golias aos soldados israelitas, sabia muito bem que o exército de Israel não era um exército qualquer, mas era divino, pois, indignado, falava: “Quem é, pois, esse incircunciso filisteu, para afrontar os exércitos do Deus Vivo?” (1 Sm 17. 26).

No Livro de *Deuteronômio* 20. 1-20, há algumas leis, exortações e recomendações dadas aos combatentes que estavam com o exército já reunido:

a) Os guerreiros eram exortados a não temer aos inimigos, mesmo que seus opositores fossem em maior número de combatentes e de cavalos, pois Deus estava com eles (*versículo* 1);

b) Quando chegarem à peleja, o sacerdote se adiantaria e persuadiria os guerreiros para que os seus corações não ficassem temerosos e aterrorizados diante dos adversários, “pois o Senhor, vosso Deus, é quem vai convosco, a pelejar por vós contra os vossos inimigos, para vos salvar” (*versículos 2 a 4*).

c) Depois que o sacerdote falava ao povo, era a vez dos oficiais fazerem seus discursos e ordenarem, entre outras coisas, aos homens medrosos e de “coração tímido” a retornarem para as suas casas, para que não contagiassem os outros guerreiros ao medo (*versículos 5 a 8*).

d) Após os oficiais terem dado as suas ordens, os generais designavam os maiores, isto é, os mais valentes para a vanguarda do exército.

Tem-se também exemplos de práticas de discursos menores como o do rei Josafá (873-849 a.C.), quando na batalha iminente contra os amonitas e moabitas (2 Cr 20, 20), e a prédica de Joabe, que pertencia ao exército do rei Davi, antes das pugnas contra os amonitas e os siros (2 Sm 10. 12). É bom sublinhar que as datas entre parênteses indicam o período de governo de cada rei; a maioria dos reis mencionados pertencia ao Reino de Judá, com exceção de Saul (1053-1013 a.C.), o primeiro monarca de Israel, de Davi (1013-973 a.C.) e de Salomão (973-933 a.C.) que governaram quando o reino de Israel ainda era unido (1053-933 a.C.).

Salienta-se que os hebreus tinham o costume de tocar as trombetas antes e durante as pugnas como uma espécie de colocar a causa perante a Divindade em antecipação da vitória e gratidão por ela:

*9 Quando, na vossa terra, sairdes a pelejar contra os opressores, que vos apertam, também tocareis as trombetas a rebate, e perante o Senhor vosso Deus haverá lembrança de vós, e sereis salvos de vossos inimigos. 10 Da mesma sorte, no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, e nos princípios dos vossos meses, também tocareis as vossas trombetas sobre os vossos holocaustos, sobre os sacrifícios, e vos serão por lembrança perante vosso Deus; Eu sou o Senhor vosso Deus. (Nm 10. 9-10)*

Além dessas recomendações supracitadas, para que a presença da Deidade estivesse com os guerreiros durante as batalhas, o povo deveria também ter pureza e santidade; pois todos seriam protegidos da morte:

*9 Quando sair o exército contra os teus inimigos, então, te guardarás de toda coisa má. 10 Se houver entre vós alguém que por motivo de poluição noturna não esteja limpo, sairá do acampamento; não permanecerá nele. 11 Porém, em declinando a tarde, lavar-se-á em água; e, posto o sol, entrará para o meio do acampamento. 12 Também haverá um lugar fora do acampamento para onde irás. 13 Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste. 14 Porquanto o Senhor teu Deus anda no meio de teu acampamento para te livrar, e para entregar-te os teus inimigos; portanto o teu acampamento será santo, para que Ele não veja em ti coisa indecente, e se aparte de ti. (Dt 23. 9-14)*

Ressalte-se que o acampamento militar era um lugar da presença de Deus como um “guerreiro divino”, assim, o arraial deveria ser mantido fora de coisas imundas tanto higiênicas quanto de “emissão noturna” (Lv 15. 16-17).

É bom recordar de um excerto do cântico de Moisés, logo após o livramento que Deus deu ao seu povo sobre os egípcios (Êx 14. 15-31), que diz: “O Senhor é homem de Guerra; Senhor é o seu nome” (Êx 15. 3).

Convém lembrar de Josué, o sucessor de Moisés e um dos líderes militares na conquista da “Terra prometida”, que sabia da necessidade de purificação antes de uma peleja. Assim é que, antes da tomada da cidade de Jericó pelos hebreus, o filho de Num ordena ao povo: “Santificai-vos, porque, amanhã, o Senhor fará maravilhas no meio de vós” (Js 3. 5). Observai, ainda, do que se pode denominar de “Lei da Santidade”: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou Santo” (Lv 19. 2).

A presença do “Senhor dos Exércitos”, em um acampamento militar ou em uma peleja, não era garantida, somente, pela santidade e limpeza pessoal, pois havia um costume entre os filhos de Israel de levarem a “Arca da Aliança” até o

acampamento militar (1 Sm 4. 1-7) em uma crença e convicção de que esse objeto simbolizava e representava a presença da Divindade (1 Sm 4. 3-11).

A Arca é denominada também de a “Arca do Testemunho” (Êx 25. 22), a “Arca do Deus de Israel” (1 Sm 5. 11), a “Arca do Senhor, Deus de Israel” (1 Cr 15. 12). Em *Juízes* 20. 27, tem-se a primeira referência a esse objeto. A arca era tão importante que não era qualquer pessoa que poderia segurá-la, somente, os sacerdotes levitas (descendentes de

Arão). De acordo com o relato bíblico, Uza, para impedir a queda da arca, tocou-a e, como punição, morreu imediatamente (1 Sm 2. 6-7). A Arca possuía argolas com varais de madeira, para que os levitas segurassem nelas e fizessem o seu transporte sem tocá-la.

Pode-se conceituar a crença religiosa como a convicção íntima em um conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso. As crenças orientam a vida do fiel em relação ao transcendental, ao sobrenatural e se baseiam em fé e em atitudes.

O fato de estar perante a Arca era como se estivesse diante de Deus (Nm 10. 35), no entanto, a presença divina não era limitada, somente, pela Arca (1 Sm 4. 3). Segundo a narrativa bíblica, o “Deus dos patriarcas” revelou a Moisés como seria sua forma; a descrição completa desse objeto é encontrada em Êxodo, 25. 10-16 e 37. 1-9.

A Arca continha as tábuas da lei mosaica, isto é, as tábuas que estavam escritas os “Dez Mandamentos” (Dt 10. 5; 31. 24-26), um ômer ou 1, 85 litro de maná e a vara de Arão que floresceu.

A Arca também tinha a função de: a) ser um instrumento de revelação divina (Lv 1. 1; 16. 2; Nm 7. 89); b) ser um instrumento pelo qual Deus guiou e defendeu o povo hebreu na sua peregrinação pelo deserto (Nm 10. 11); c) era na Arca que o sangue da expiação pelos pecados era apresentado e recebido (Lv 16, 2 ss). Após o incêndio do templo de Jerusalém em 587 a.C. por Nabucodonosor II, o *Velho Testamento* não faz mais menção ao seu destino. Entretanto, de acordo com a narrativa bíblica, em *Apocalipse* 11. 9, quando na revelação dos “últimos tempos” ao apóstolo João, a Arca da Aliança estava no céu. Convém lembrar que várias expedições arqueológicas foram feitas à Palestina e à Mesopotâmia à procura dessa Arca, porém, não foi encontrado nenhum objeto que lembrasse a descrição bíblica.

Bom exemplo dessa crença de que a Arca era um objeto divino e, conseqüentemente, de poder sobrenatural se encontra em 1 Samuel 4. 3, cujos hebreus, ao estarem em desvantagens na pugna contra os filisteus, levam a Arca até o arraial, havendo, então, júbilo entre os guerreiros. Ora, como havia a crença em Israel de que “do Senhor é a guerra” (1 Sm 17. 47), a Arca era, então, utilizada como um “instrumento de guerra”. A narrativa bíblica informa que:

*6 Ouvindo os filisteus a voz do júbilo, disseram: Que voz de grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então, souberam que a Arca do Senhor era vinda ao arraial. 7 E se*

*atemorizaram os filisteus e disseram: Os deuses vieram ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! Que tal jamais sucedeu antes. 8 Ai de nós! Quem nos livrará das mãos destes grandiosos deuses? São os deuses que feriram aos egípcios com toda sorte de pragas no deserto. (1 Sm 4. 6-8)*

Pode-se dizer que, de acordo com os versículos supracitados, até os inimigos de Israel reconheciam que a Divindade se manifestava na Arca, e que essa não era um objeto qualquer, sem importância.

No entanto, apesar de Yavé se fazer presente no meio do exército (Dt 23. 15), quer de modo invisível, quer sob a forma de um objeto material, no caso, a Arca, a presença desse objeto não teve efeito. Deduz-se que a derrota dos filhos de Israel diante dos filisteus, estivesse ligada à repreensão do “Soberano” em relação à casa do profeta Eli por causa da insensatez de seus dois filhos: Fineias e Hofni (1 Sm 2. 12-17 e 27-36).

Com a vitória dos filisteus, esses conduziram a Arca para a sua terra como se fosse uma “presa de guerra” (1 Sm 5. 1-10). A presença da Arca, em terra filisteia, trouxe alguns problemas e aflições para os seus moradores como chagas, hemorróidas, ataque de ratos, e, por fim, a imagem do deus Dagom caída diante da “Arca do Senhor”. Por se tratar de um objeto sagrado, Yavé castigou os filisteus, o que fez com que eles devolvessem-na para os hebreus depois de sete meses (*cf. capítulos 5 e 6 de 1 Samuel*).

Após vinte anos de servidão filisteia, o povo de Israel se lamentava, então, o profeta Samuel exorta-os ao arrependimento por terem deixado ao Senhor e estarem prestando culto aos baalins e aos astarotes: “(...) preparai o vosso coração ao Senhor, e servi a Ele só, e vos livrará da mão dos filisteus” (1 Sm 7. 3).

A propósito, o teólogo Tognini salienta que as nações e os povos que eram vizinhos aos territórios de Israel “serviam de termômetro para regular a temperatura espiritual dos Filhos de Jacó: quanto mais perto de Deus andavam, mais poder tinham e seus territórios eram dilatados; afastavam-se de seu Senhor, Deus os abandonava, ficavam sem proteção, chegavam os inimigos e subjugavam o povo e, conseqüentemente, se apossavam de seus territórios”. Só no livro de *Juízes*, pode-se depreender inúmeros exemplos (*cf. capítulos 3 a 16*), pois uma nova geração, após a morte de Josué, começou a prestar cultos a Baal e a Astarote (Jz 2. 10-14). Na verdade, o *Período dos Juízes*, que abrangeu em torno de dois

séculos (1350-1153 a.C.), foi um período de extrema apostasia e instabilidade espiritual (TOGNINI, 1983: 23).

Antes de o povo ir à peleja contra os filisteus, os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó realizaram alguns rituais antes do início das batalhas, como os sacrifícios que reconheciam a liderança, a Soberania e o Poderio da Divindade. Digno de nota é a passagem de 1 Samuel 7. 6-12, onde o filho de Elcana presidiu os sacrifícios e incitou o povo a serem fiéis na aliança com Yavé, realizando, assim, aos poucos, uma lenta obra de renovação espiritual e da nação. Ora, através do relato bíblico, tem-se as seguintes informações:

6 Congregaram-se em Mispa, tiraram água e a derramaram perante o Senhor, jejuaram aquele dia, e ali disseram: Pecamos contra o Senhor. E Samuel julgou os filhos de Israel em Mispa. 7 Quando pois os Filisteus ouviram que os filhos de Israel estavam congregados em Mispa, subiram os príncipes dos Filisteus contra Israel; o que ouvindo os filhos de Israel, tiveram medo dos filisteus. 8 Então disseram os filhos de Israel a Samuel: Não cesses de clamar ao Senhor nosso Deus por nós, para que nos livre da mão dos Filisteus. 9 Tomou pois Samuel um cordeiro que ainda mamava e o sacrificou em holocausto ao Senhor; clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor lhe respondeu. 10 Enquanto Samuel oferecia o holocausto, os Filisteus chegaram à peleja contra Israel; mas tropejou o Senhor aquele dia com grande estampido sobre os Filisteus, e os aterrou de tal modo que foram derrotados diante dos filhos de Israel. 11 Saindo de Mispa os homens de Israel, perseguiram os Filisteus, e os derrotaram até abaixo de Bete-Car. 12 Tomou então Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o Senhor. (1 Sm 7. 6-12)

Essa ação do profeta Samuel de “derramar a água perante o Senhor” parece, juntamente com o jejum, uma atitude de um extremo arrependimento, de um desejo de buscar e servir ao Deus de seus patriarcas com um coração mais sincero e puro (*cf.* também 1 Sm 1. 15; Sl 62. 8; Lm 2. 19). Entrementes, a ação de Davi, em 2 Samuel 23. 16, ocorre num contexto diferente em derramar a água.

Em relação ao ritual dos holocaustos (*vers.* 9), salienta-se que o vocábulo “holocausto” - do hebraico ‘*ôlāh* - é empregado por cerca de 280 vezes no hebraico bíblico.

Etimologicamente, holocausto significa “oferta queimada por inteiro”; este tipo de “oferta” a Yavé podia ser um bezerro (Lv 1. 3-5), uma ovelha ou uma cabra (Lv 1. 10), uma ave (Lv 1. 14), e, ainda, um cordeiro conforme o sacrifício do profeta Samuel (vers. 9).

É bom destacar que já que os sacerdotes eram mediadores entre a Deidade e os homens, como representantes de um Deus Santo, havia alguns padrões de pureza ritual (Lv 21. 1 e 22. 16) que os sacerdotes deviam observar; até suas vestes sacerdotais eram especiais (Êx 28. 3).

Há descrições completas desse ritual dos holocaustos em 1 Samuel, 10. 8; Levítico 1. 3-17; 6. 14-5; 7. 9-10; 13. 9, 12; 15. 22; 2 Samuel 6. 17-18 e 24, 25. Sublinhe-se que havia o “holocausto contínuo” que era um cordeiro oferecido todos os dias na parte da manhã e da tarde (Êxodo 29. 38-42), e o holocausto oferecido mensalmente que poderia ser dois bezerras, um carneiro e sete cordeiros (Números 28. 11 -14). Yavé estabeleceu com o povo de Israel um “pacto de sangue”: “Então tomou Moisés aquele sangue, e espargiu-o sobre o povo, e disse: ‘ Eis aqui o sangue do Concerto que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras’” (Êxodo 24. 8). Deve-se destacar que os sacrifícios de animais não faziam parte somente da religião israelita, pois os rituais sacrificiais encontram-se também em cultos religiosos de outros povos antigos (cf. Números 25. 2; 2 Reis 10. 19). Destaca-se a passagem de 1 Samuel 13. 8- 14, onde Samuel repreende duramente o rei de Israel, Saul, por ter oferecido holocausto, não sendo sacerdote; por causa da imprudência do monarca, o seu reinado passaria a outrem, no caso, ao pastor de ovelhas, Davi.

O sacerdote, que oferecia o sacrifício, colocava as suas mãos em cima do animal, transferindo, simbolicamente, o pecado e a culpa do povo para o animal sacrificial (Lv 1. 4), como se o animal estivesse dando a sua vida pelos pecados do povo.

Salienta-se que o animal a ser sacrificado deveria ser sem defeito: “nenhuma coisa em que haja defeito oferecereis, porque não seria aceita a vosso favor” (Lv 22. 20). Após matar o animal, o sacerdote recolhia o sangue e apresentava perante o Senhor antes de aspergí-lo em torno do Altar. O sacrifício era, na verdade, uma expiação pelo pecado. A seguir, o animal era consumido pelo fogo e a sua essência era enviada aos céus como “cheiro apacador (agradável) ao Senhor” (Lv 1. 9). Acerca da descrição do Altar e de seus utensílios ver *Êxodo* 38. 1-8.

Os sacrifícios de animais no *Velho Testamento*, de acordo com o Cristianismo, prenunciavam o sacrifício de Jesus Cristo na Cruz do Calvário, uma vez que Jesus era “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1. 29). Como se conclui de Hebreus 9. 12-14, com o “sacrifício” de Cristo na cruz, não existia mais a necessidade de haver outros sacrifícios: “Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue de touros e bodes, e a cinza duma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne; Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?”. Ver também Hebreus 9. 22 e 1 João 1. 7.

Por fim, o “Possante de Jacó” usa um fenômeno da natureza – o trovão (1 Sm 7.10) – como resposta e sinal de que seus olhos estavam postos a favor de seu povo e, depois da fidelidade cultural dos filhos de Israel, esses vencem, finalmente, os filisteus depois de duas décadas de opressão. Samuel, para que as gerações futuras não se esquecessem dessa vitória sobre os inimigos, levanta uma pedra como um memorial (1 Sm 7. 12).

Ora, o “trovão de Deus” relembra uma parte do cântico de Ana: “Os que contendem com o Senhor serão quebrantados; desde os céus tropejará sobre eles (...)” (1 Sm 2. 10).

Neste excerto de 1 Samuel *do capítulo 7*, pode-se tratar acerca de um outro ritual que é a prática da oração. Eissfeldt destaca as formas mais importantes de orações: a “*oração de ações de graças*” (são as orações de agradecimento e/ou exaltações à Deidade em face da graça e bondade divinas, *cf.* 2 Samuel *cap.* 22), a “*oração de súplica*” e a “*oração penitencial*”.

Não obstante, encontram-se, nesse excerto de 1 Samuel, os dois últimos tipos de orações. A expressão - “pecamos contra o Senhor” (*vers.* 6) - demonstra evidências de um verdadeiro e grande pesar do que se fez, expressando um tipo de “*oração penitencial*”, onde o fiel suplica o perdão e o afastamento do castigo imposto por causa da culpa. Na verdade, a “*oração penitencial*” se acha, por vezes, dentro da “*oração da súplica*”. Existe também, além dessas orações já mencionadas, a “*oração denominada de “oração intercessória”* que se encontra no *versículo* 8, quando o “intercessor” Samuel, expôs, diante de Deus, os anseios e as preocupações do povo em relação à batalha contra os filisteus (EISSFELDT apud SELLIN, Ernst. & FOHRER, 1977: 100-101).

Lakatos pontua que a finalidade do ritual é despertar uma disposição de espírito favorável em relação ao sagrado, reforçando, assim, a fé dos fiéis e, quando se têm rituais coletivos, aumenta a emotividade (LAKATOS, 1990: 181). Pode-se completar a opinião de Lakatos que, além da emotividade, esses rituais em grupo aumentam também a religiosidade, uma vez que existia a crença em um Deus Uno, Todo-Poderoso, de misericórdia, de justiça e que atendia ao clamor do aflito (Sl de nº 6. 8-10; 18. 6; 50. 15).

Em outras passagens *veterotestamentárias*, há, dessa vez, um verdadeiro clamor coletivo seguido de louvor, além da prática do jejum. Digna de nota é a passagem de 2 *Crônicas* 20. 1-29.

Durante o reinado do rei Josafá, os moabitas, amonitas e outros povos vieram para pelejar contra o rei de Judá. Então, o filho de Asa tem uma reação imediata: convoca todo o povo a jejuar e a orar à Deidade, reconhecendo a impotência humana diante de uma situação que, do ponto de vista humano, seria de derrota. Todo o povo, obedecendo à ordem do rei, entra no templo de Deus e, ali, sob a liderança do soberano, levantam um verdadeiro clamor coletivo; o filho de Asa dizia: “Porque em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti” (*versículo* 12).

O rei Salomão, prenunciando futuras situações adversas nos reinados posteriores, fez a seguinte oração a Deus, quando na ocasião da dedicação do Templo: “Que os teus olhos estejam dia e noite abertos sobre este lugar, de que disseste que ali porias o teu nome; para ouvires a oração que o teu servo orar neste lugar” (2 Cr 6. 20-21).

Convém, ainda, fazer uma analogia dessas palavras do rei Josafá com a oração de seu pai, Asa (922-905 a.C.), no reinado anterior. O relato do *Antigo Testamento* destaca que Zerá, provavelmente, um chefe militar (de origem etíope), saiu contra Asa com um exército de um milhão de guerreiros, além de trezentos carros. Todavia, mesmo o rei de Judá possuindo um exército de homens valentes e bem equipados, reconheceu que, diante das tropas inimigas, precisava de ajuda e intervenção divinas (2 Cr 14. 8-11).

Após a súplica, há “um oráculo divino”; o Senhor dá uma resposta ao povo, usando o profeta Jaaziel no meio da congregação, onde promete o livramento:

15 E disse: Dai ouvidos todo o Judá e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Josafá, ao que vos diz o Senhor. Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus. 17 Neste encontro, não tereis que pelear; tomai posição, ficai parados e vede o salvamento que o Senhor vos dará, ó Judá e Jerusalém; não temais, nem vos assusteis; amanhã, saí-lhes ao encontro, porque o Senhor é convosco. 18 Então Josafá se prostrou com o rosto em terra; e todo o Judá e os moradores de Jerusalém também se prostraram perante o Senhor, e o adoraram. (2 Cr 20. 15, 17 - 18)

O rei Josafá teve uma atitude inusitada e estranha, porém, de grande segurança no Deus de Israel, pois, na manhã seguinte, ao invés de colocar homens armados na dianteira do exército, simplesmente, convocou cantores dentre os levitas para louvarem a “Majestade Santa” em altas vozes e, atrás, vinha o exército armado (2 Cr 20. 20-23).

Salienta-se, aqui, que não se tratava de cânticos marciais, guerreiros que serviam de estímulo ao combate (como se infere de Josué 10. 12, Juízes 5. 12, Êxodo 17, 16; 2 Reis 13. 17, Números 22. 24 e Isaías 51. 9), mas sim de hinos de louvores, exclusivamente, à Divindade. E, enquanto os levitas louvavam, a narrativa bíblica informa que o “Santo de Israel” desbaratou os inimigos do seu povo e fez com que os próprios adversários pelessem um contra o outro, se autodestruindo. Após esse sobrenatural livramento, só restou ao “povo eleito” saquear os despojos de seus inimigos e retornar a casa de seu Deus com alaúdes, harpas e trombetas, louvando-O.

Pode-se fazer uma relação desse episódio de cantores dentro de um exército com o Salmo de nº 149, *vers.* 6: “Nos seus lábios, estejam os altos louvores de Deus, nas suas mãos, espada de dois gumes”. A propósito, os cânticos guerreiros e os cânticos de vitória pertencem a uma parte da poesia lírica de Israel que não deve ser desprezado. O cântico que mais se destaca é o cântico da juíza Débora (Jz 5. 1- 32).

Sellin e Fohrer destacam que o cântico de vitória era acompanhado por instrumentos e danças (cantado, muitas vezes, por mulheres), sempre que os israelitas retornavam da batalha como vencedores ou quando se tinha uma vitória em particular (Êx 15. 20 ss; Jz 11. 34; 1 Sm 18. 6 ss). Normalmente, esses cânticos eram pequenos, possuindo um ou dois versos longos, cujas mulheres repetiam em dois grupos de modo alternado (SELLIN & FOHRER, 1977: 398).

Não se pode deixar de mencionar acerca do clamor aflito do rei Ezequias diante de um perigo iminente. Judá estava na iminência de cair sob o domínio de Senaqueribe, rei da Assíria. Após uma série de ameaças e afrontas por parte de Rabsaqué, enviado do rei assírio, Ezequias, ao ler a carta com as afrontas, “rasga os seus vestidos”, e se cobre de saco e entra na Casa do “Deus de seus pais”; depois, estende as cartas diante do Soberano e levanta um angustiado clamor (*cf. caps. 18 e 19 de 2 Reis*):

*16 Inclina, ó Senhor, o ouvido e ouve: abre, Senhor, os olhos e vê; ouve todas as palavras de Senaqueribe, as quais ele enviou para afrontar o Deus vivo. 17 Verdade é, ó Senhor, que os reis da Assíria assolaram as nações e suas terras. 19 (...) Agora, pois, ó Senhor, nosso Deus, livra-nos das suas mãos, para que todos os reinos saibam que só tu és o Senhor Deus. (2 Rs 19. 16, 17, 19)*

O comportamento do rei de Judá de “rasgar as vestes” era uma atitude de lamento, de luto, de extrema tristeza, de resignação. Sublinhe-se que este pano feito de saco era colocado, diretamente, em cima da pele por debaixo das vestimentas quotidianas. O relato de 2 Crônicas 32. 20, a respeito desse episódio, possui uma informação a mais de que o rei Ezequias teve por companhia, no clamor, o profeta Isaías. Através desse, a Divindade envia a resposta ao rei, prometendo livramento e derrota dos assírios (2 Rs 19. 20- 34). Não houve guerra entre os exércitos inimigos, pois o “Senhor dos Exércitos” feriu os assírios na mesma noite no arraial (2 Rs 19. 35-37).

Sublinhe-se que há mais exemplos dessa atitude de “rasgar as vestes” em Gênesis 37. 34; 2 Reis 6. 30; 19. 1-2; Isaías 37. 1-2; Jonas 3. 5-6; Ester 4. 1-2. Convém sublinhar que os sacerdotes não poderiam fazer esse ato (Levítico, 10. 6).

Destacam-se, ainda, alguns tipos de postura durante a prece como o prostrar-se em terra (2 Sm 12. 16), o ajoelhar (Dn 6. 10), o estar em pé, como a postura do rei Josafá que ficou também com as mãos levantadas (2 Cr 20. 5) ou de braços estendidos com as palmas das mãos direcionadas para a Divindade como o rei Salomão (2 Cr 6. 12). Atitudes essas de quem procura proteção e socorro sobrenaturais.

Há, em outras passagens do *Antigo Testamento*, tipos de atitudes que se podem considerar como práticas rituais como, por exemplo, a consulta e a obediência às orientações de Yavé para que o exército israelita tivesse bom êxito nas pugnas:

22 Porém se animou o povo dos homens de Israel e tornaram a ordenar-se para a peleja, no lugar onde, no primeiro dia o tinham feito. 23 Antes, subiram os filhos de Israel, e choraram perante o senhor até à tarde, e consultaram o Senhor, dizendo: Tornaremos a pelejar contra os filhos de Benjamim, nosso irmão? Respondeu o Senhor: Subi contra ele. (Jz 20. 22-23)

É bom lembrar um outro episódio cujo rei Davi (1013-973 a.C.), antes de pelejar contra os filisteus, perguntou ao Deus de Israel: “Subirei contra os filisteus? Entregar-mos-ás nas minhas mãos? E disse o Senhor a Davi: Sobe, porque, certamente, entregarei os filisteus nas tuas mãos” (2 Sm 5. 19). Em uma outra ocasião, os filisteus tornaram a fazer guerra, novamente, contra o rei Davi, e, ao consultar a Yavé, a Deidade, dessa vez, deu-lhe uma estratégia militar para emboscar os inimigos (2 Cr 14. 13-17).

Como se infere da leitura de certas passagens bíblicas *veterotestamentárias* expostas, os filhos de Israel utilizavam certos rituais e crenças com o objetivo de serem considerados “fiéis seguidores” e merecedores de favor divino e, assim, alcançar a almejada vitória sobre os inimigos no campo de batalha. Assim sendo, a intervenção sobrenatural era certa, e, algumas vezes, os hebreus não precisavam nem pelejar, pois a Deidade interferia, diretamente, sobre os seus inimigos. Os rituais possuíam as seguintes formas: a) manuseamento de objetos considerados sagrados como a Arca, o ressoar das trombetas; b) certos tipos de comportamentos como os discursos antes das pugnas para ativar a fé dos guerreiros, a utilização de roupas especiais para os sacrifícios, o uso de danças, de cantos, de reverências, de purificações, de lamentações, de obediências, de jejuns, de fidelidade cultural, de preces (na maioria das vezes, seguidos de um oráculo e profecias); e, por fim, c) a convicção plena de que um Deus Todo-Poderoso e de Justiça pelejava por eles como um “Guerreiro Superior” a tudo e a todos. Sublinhe-se que a observância dessas práticas religiosas permitia uma relação imediata e muito próxima entre os homens e o Ser Superior a quem cultuavam e reverenciavam.

### **Documentação Textual:**

*Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, Grego, Português, Inglês.* – São Paulo: Vida Nova, Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

*A Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulus, 2002.

*Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, S.P.: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

### **Referências Bibliográficas:**

CHALLAYE, Félicien. *Pequena História das Grandes Religiões*. Tradução de Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1940.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1990, p. 181.

SELLIN, Ernst. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de D. Mateus Rocha. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. Vol. I.

SILVA, Antônio Gilberto da. *A Bíblia Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa*. São Paulo: Ed. Louvores do Coração, 1983.

VINE, W. E. *Dicionário Vine – O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

*Obs.:* O presente artigo foi apresentado, em forma de comunicação, no XVII Ciclo de Debates em História Antiga: “Práticas Rituais e Religiosidade” do Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ em 2007. Sublinhe-se que o trabalho foi publicado nos Anais Eletrônicos do referido Congresso. É bom ressaltar que a tradução dos excertos bíblicos foi extraída da Bíblia Sagrada editada pela SBB, edição Revista e Atualizada de 2006.